REVISTA AMEFRICANA | ISSN: 3086-5042 ONLINE | SEÇÃO: ESTUDOS AMEFRICANOS (ARTIGO ORIGINAL)
MANTENEDORA: INSTITUTO AMEFRICANO DE SOCIOLOGIA CRÍTICA (IASC) | BARRA MANSA – RJ – BRASIL | DOI: https://doi.org/10.65855/amef.2026.v2.ahsd06

VINCULAÇÃO CRÍTICA DE ALTO IMPACTO: Este artigo original atende aos critérios de relevância social, impacto epistêmico e rigor formal fixados pela Resolução Aditiva nº 01/2026. **ARTIGO ORIGINAL**

ATERRAR PARA FLORESCER: UMA HISTÓRIA DA INTELIGÊNCIA ENCARNADA

Grounding to Bloom: A History of Embodied Intelligence

Aterrizar para florecer: una historia de la inteligencia encarnada

Giovana Xavier

E-mail: gixavier@yahoo.com.br | ORCID: 0000-0002-9186-3893 | Afiliação: Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Práxis Intelectual: Giovana Xavier é historiadora-bailarina, professora associada da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), escritora e pesquisadora. Pioneira nos estudos sobre mulheres negras como intelectuais e intérpretes da história do Brasil, desenvolve pesquisas nas áreas de história intelectual, autobiografia, memória, corpo e produção de conhecimento. É autora, entre outras obras, de *História Social da Beleza Negra*. Neurodivergente e superdotada, investiga atualmente a inteligência encarnada, o trauma, o movimento e a experiência sensorial como formas de elaboração histórica. Em seus trabalhos, o corpo é compreendido simultaneamente como arquivo, linguagem e método de pesquisa.

Histórico Editorial & Governança: Submissão: 31 de maio de 2026 | Aceite: 21 de setembro de 2026 | Publicação: 25 de setembro de 2026 | Creative Commons CC BY 4.0 | Publicação Contínua | Fomento: FNDE, Fulbright All Disciplines Award, Programa Marielle Franco, ADUFRJ | Salvaguardas: Resolução CNS nº 510/2016

COMO CITAR ESTE ARTIGO (HOW TO CITE):
• **Padronização ABNT (Brasil):** XAVIER, Giovana. Aterrar para florescer: uma história da inteligência encarnada. *Revista Amefricana*, Barra Mansa, v. 2, ahsd06, 2026. DOI: https://doi.org/10.65855/amef.2026.v2.ahsd06.
• **Padronización APA Style (Internacional):** Xavier, G. (2026). Aterrar para florescer: uma história da inteligência encarnada. *Revista Amefricana*, 2, ahsd06. https://doi.org/10.65855/amef.2026.v2.ahsd06

RESUMO

Neste artigo proponho compreender o corpo como arquivo vivo e método de produção de conhecimento histórico, tensionando os limites da historiografia tradicional baseada na separação entre sujeito e objeto. A partir de uma escrita que articula experiência autobiográfica, memória, trauma e reflexão historiográfica, investigo como meu corpo registra, atualiza e expressa experiências que escapam aos regimes convencionais de prova documental. Dialogando com autoras e autores dos campos do pensamento feminista negro e da experiência somática que problematizam tanto os silêncios dos arquivos quanto a dissociação corpo, mente, foco, em minha escrita, na inscrição corporal, assumindo o corpo simultaneamente como linguagem, sujeito, documento histórico. No percurso, assentada em minha história, desenvolvo a noção de superdotação como a sinto: uma “inteligência encarnada”, caracterizada pela intensidade sensorial, emocional e cognitiva, que extrapolam as métricas tradicionais dos testes de QI. Movida por minha trajetória de pessoa - criança, adolescente e mulher negra, olho para o trauma como experiência que ao deixar marcas corporais organiza percepções, movimentos e formas de estar no mundo. A partir dessa perspectiva, proponho a noção de uma história sensorial da inteligência negra, na qual pensar e sentir se constituem de forma indissociável. Ao articular corpo, memória e criação, o texto reivindica o sensível como dimensão epistemológica e o corpo, o movimento e o sentir como práticas de elaboração e produção de conhecimento que contribuem para a ampliação das formas de produzir e validar conhecimento no campo da História.

Palavras-chave: Autobiografia. Corpo. Superdotação. Inteligência Encarnada.

ABSTRACT

This article proposes an understanding of the body as a living archive and a method for producing historical knowledge, challenging the limits of traditional historiography based on the separation between subject and object. Through a mode of writing that brings together autobiographical experience, memory, trauma, and theoretical reflection, I investigate how my body records, updates, and expresses experiences that escape conventional regimes of documentary evidence. Drawing on Black feminist thought and somatic studies, both of which interrogate archival silences and the mind-body divide, I focus on bodily inscription, approaching the body simultaneously as language, subject, and historical document. Grounded in my own life history, I introduce the notion of giftedness as I experience it: an “embodied intelligence” characterized by sensory, emotional, and cognitive intensity that exceeds the traditional metrics of IQ testing. Guided by my trajectory as a Black child, adolescent, and woman, I examine trauma as an experience that, through its bodily traces, shapes perception, movement, and ways of being in the world. From this perspective, I propose the concept of a **sensory history of Black intelligence**, in which thinking and feeling are understood as inseparable dimensions of human experience. By articulating body, memory, and creation, this text claims the sensory as an epistemological dimension and understands the body, movement, and feeling as practices of elaboration and knowledge production. In doing so, it contributes to expanding the ways knowledge is produced, recognized, and validated within the field of History.

Keywords: Autobiography; Body. Giftedness. Embodied Intelligence.

RESUMEN

En este artículo propongo comprender el cuerpo como archivo vivo y como método de producción de conocimiento histórico, tensionando los límites de la historiografía tradicional basada en la separación entre sujeto y objeto. A partir de una escritura que articula experiencia autobiográfica, memoria, trauma y reflexión teórica, investigo cómo mi cuerpo registra, actualiza y expresa experiencias que escapan a los regímenes convencionales de evidencia documental. En diálogo con autoras y autores de los campos del pensamiento feminista negro y de los estudios somáticos, que problematizan tanto los silencios de los archivos como la disociación entre cuerpo y mente, centro mi análisis en la inscripción corporal, asumiendo el cuerpo simultáneamente como lenguaje, sujeto y documento histórico. A lo largo de este recorrido, arraigada en mi propia historia, introduzco la noción de superdotación tal como la experimento: una “inteligencia encarnada”, caracterizada por una intensidad sensorial, emocional y cognitiva que excede las métricas tradicionales de las pruebas de coeficiente intelectual. Impulsada por mi trayectoria como niña, adolescente y mujer negra, examino el trauma como una experiencia que, al dejar huellas corporales, organiza percepciones, movimientos y formas de habitar el mundo. Desde esta perspectiva, propongo la noción de una **historia sensorial de la inteligencia negra**, en la que pensar y sentir se constituyen de manera indisociable. Al articular cuerpo, memoria y creación, el texto reivindica lo sensible como una dimensión epistemológica y entiende el cuerpo, el movimiento y el sentir como prácticas de elaboración y producción de conocimiento que contribuyen a ampliar las formas de producir y validar conocimiento en el campo de la Historia.

Palabras clave: Autobiografía; Cuerpo; Superdotación; Inteligencia Encarnada.

Está tudo em mim
Risco o presente
De habitar
O invisível
Morada das infinitas
Possibilidades de ser

A memória da memória
daquilo que se perde
Na mente
O corpo resguarda e revela.

(Giovana Xavier)

Notas para aterrar

Durante muitos anos, pratiquei uma ciência historiográfica sem pensar meu corpo como integrante. Aprendi a pesquisar nos arquivos, selecionar documentos, construir problemas, organizar argumentos, dialogar com a historiografia, escrever, publicar. Aprendi também, como parte da formação científica, a produzir uma ideia específica de rigor: quanto mais controlada a presença de quem pesquisa, mais confiável o conhecimento produzido. Meu corpo permanecia em outro lugar.

Ele aparecia na vida, na dança, no cansaço, na dor, no prazer, na memória, nas relações. A ciência acontecia em outros arredores. Eu podia ser historiadora e bailarina, mas, por mais que meu corpo me desse todos os sinais, ainda não havia compreendido que a historiadora-bailarina poderia ser, ao mesmo tempo, uma expressão de ser e uma posição epistemológica. Foi preciso tempo para criar este rejunte.

O corpo foi chegando à pesquisa pelas frestas. Primeiro como sensação. Depois, memória. Mais tarde, pergunta. Aos poucos, aquilo que eu havia aprendido a silenciar para pensar tornou-se precisamente aquilo que me permitia perceber. O corpo, soberano, começou a sair do retraimento e, expandindo-se, passou a interromper certezas, devolver lembranças, produzir associações, registrar bloqueios, reconhecer intensidades. Comecei a compreender que determinadas perguntas históricas não estavam apenas diante de mim. Elas começavam em mim.

É desse deslocamento que nasce a História Encarnada. Uma elaboração que foi tomando forma à medida que minha trajetória intelectual, minha experiência corporal de bailarina, minha escrita e minha própria compreensão de inteligência começaram a conversar. Assim, tal perspectiva nomeia, para mim, um movimento de passagem: do corpo compreendido como objeto da História para o corpo reconhecido como presença na produção do conhecimento; do corpo que carrega marcas para o corpo que formula perguntas; do corpo observado para o corpo que observa, sente, interpreta e escreve.

Aterrar foi aprender a permanecer nesse lugar.

Inteligência encarnada

Habitar o conhecimento passou a significar outra coisa: perceber que fazer ciência também é uma experiência de tornar-me pessoa. A experiência, nesse percurso, não é uma coleção de acontecimentos pessoais que acrescento posteriormente à pesquisa. É o próprio processo pelo qual me constituo como alguém capaz de sentir, perguntar, elaborar, estabelecer relações e produzir conhecimento. A experiência me forma enquanto sujeita e, ao mesmo tempo, torna-se minha matéria de investigação. É aqui que a pergunta sobre a superdotação ganha outro sentido em minha trajetória.

Durante muito tempo, compreendi a inteligência principalmente pelos seus resultados: rapidez, desempenho, elaboração, capacidade de estabelecer relações, produção intelectual. O encontro com AnneMarie Roeper (1982) tem deslocado essa compreensão ao propor uma concepção de superdotação atenta à consciência, à sensibilidade e à capacidade de transformar percepções em experiências intelectuais e emocionais. A inteligência deixa de aparecer apenas como aquilo que uma pessoa consegue fazer, passando a ser interrogada

também como aquilo que vivo, sinto, percebo e preciso elaborar para tornar-me quem sou. Esse deslocamento foi decisivo para mim.

Comecei a reconhecer uma inteligência que não se encontra separada, mas integrada à experiência. Uma inteligência que pensa enquanto sente, que estabelece relações por associação, que percebe intensidades, que se movimenta, que cria. Uma inteligência que precisa de corpo para encontrar passagem. É nesse terreno que a noção de inteligência encarnada emerge como possibilidade teórica e experiência intelectual.

O diálogo com Ricardo Almeida (2023), especialmente por meio da noção de "corpovivências", oferece uma referência importante. Em sua tese de doutorado, o autor desenvolve o conceito para pensar experiências corporais vividas e construídas como possibilidades de interromper apagamentos e silenciamentos produzidos pela colonialidade. Sua formulação me ajuda a reconhecer a potência epistemológica da experiência corporal situada, de sua relação com contexto, percepção e produção de sentidos. Aproximo essa perspectiva do percurso que venho construindo no campo da História, onde me interessa perguntar: o que o corpo guarda, atualiza, desloca e produz como possibilidade de conhecimento histórico?

Patricia Hill Collins, por outro caminho, inspira-me a reconhecer a experiência vivida, a emoção, o diálogo e a sabedoria como dimensões da produção intelectual de mulheres negras. Seu "uso criativo da margem" tornou-se, para mim, uma imagem de trabalho: permanecer em uma posição capaz de produzir deslocamentos, transformar a margem em lugar de elaboração e fazer daquilo que parecia estar fora do centro uma força de criação.

A epistemologia feminista negra tornou essas perguntas indispensáveis. Além de Patricia, Beatriz Nascimento, Conceição Evaristo, Lélia Gonzalez, bell hooks, Audre Lorde e tantas outras intelectuais negras seguem deslocando radicalmente o lugar da mulher negra na produção do conhecimento: de objeto de interpretação para sujeito que interpreta, formula conceitos, produz teoria e transforma os próprios termos da investigação (Giovana Xavier, 2019).

A crítica de Joan Scott (1998) à naturalização da experiência acrescenta uma tensão fundamental a esse movimento: experiência não é evidência transparente de uma identidade. Ela é uma produção histórica, interpretada, disputada e transformada em conhecimento. Essa tensão me interessa porque demarca que minha experiência entra neste texto não para encerrar uma questão, mas para inaugurá-la.

Uma política de inscrição

Esse movimento também modificou minha relação com as referências que sustentam meu trabalho. Minha política de citação foi se transformando à medida que compreendi que uma bibliografia não é uma fileira de nomes convocados para legitimar aquilo que penso. As autoras e autores que me acompanham participam da formação do que consigo perceber. Habitam minhas perguntas. Modificam meu vocabulário. Criam possibilidades de leitura. Algumas ideias passam a existir em mim depois do encontro com uma autora. Certas perguntas permanecem mesmo depois que o livro se fecha. Citar, então, passa a ser também uma política de inscrição. Quem aparece? Quem permanece? Quem é reconhecida como autora de uma pergunta? Que mulheres são autorizadas a produzir teoria? Que experiências podem constituir conhecimento? Que corpos podem ocupar o lugar daquele que interpreta a História?

É a partir dessas perguntas que compreendo também minha relação com a escrita. Escrever de outro modo implicou enfrentar o risco de parecer menos científica porque passei a assumir mais explicitamente aquilo que constituía minha maneira de produzir conhecimento. A criatividade, a autenticidade, a memória, o corpo e a experiência autobiográfica poderiam ser lidos como excesso, subjetividade, desvio.

Os pareceres científicos de rejeição a este fazer científico, fundamentado no que Beatriz Nascimento pensa como "escrita de mim" (1992), fazem parte desse percurso. Eles registram a tensão real entre uma forma de ciência que aprendi a reconhecer como legítima e outra que ainda estou construindo. Foi nesse lugar de tensão que o pensamento de Audre Lorde (2009) ganhou sentido. Ao falar do erótico como fonte de poder e conhecimento, ela desloca o desejo do lugar de ameaça para o lugar de potência. Sua formulação me permite pensar o erótico para além de sua dimensão sexual: como força de presença, desejo de conhecer, prazer na descoberta, intensidade da criação e capacidade de ser afetada por aquilo que se pensa. Há desejo na produção do conhecimento, prazer em encontrar uma pergunta. Existe uma dimensão corporal no instante em que uma ideia

encontra passagem.

Quero escrever uma ciência capaz de reconhecer a criatividade como parte de seu rigor, a autenticidade como posição epistemológica e a experiência como matéria de elaboração. Uma ciência em que a forma da escrita também participe daquilo que está sendo pensado. Uma escrita que possa ser rigorosa sem ser desencarnada; pessoal sem se fechar no privado; poética sem abandonar a análise; criativa sem perder a responsabilidade historiográfica.

Essa escrita é, para mim, um direito humano, uma necessidade básica.

Fontes, gestos e procedimento

O que se apresenta nas páginas seguintes nasce desse percurso. Retomo experiências da infância e da juventude, minha vivência como menina negra superdotada, criada em uma família de mulheres negras das classes trabalhadoras. Depois de uma vida inteira despossuída de um nome para intensidades, sensibilidades, formas de perceber, estabelecer relações, ler e elaborar o mundo que faziam parte de mim, fui identificada aos 43 anos com altas habilidades e superdotação. Tal identificação tem me oferecido aterro para reler acontecimentos que durante muito tempo permaneceram soltos, sem nome.

Viajante do meu próprio passado, rememoro feridas, traumas e também aquilo que me permitiu — e me permite — permanecer de pé. São experiências que, durante muito tempo, pertenceram ao campo do vivido, sem linguagem acadêmica. Ao retornar a elas, encontro uma nova possibilidade de fazer significar tais lembranças como aquilo que a memória preservou no corpo e que transformo em matéria de investigação.

É para nomear essa matéria que desenvolvo a ideia de “gestos encarnados”. Chamo assim os pedaços de memória que o corpo guarda, transforma e devolve em diferentes momentos da vida: uma cena, uma postura, uma sensação, uma imagem, um movimento, um silêncio, uma contração, uma maneira de respirar, uma forma de desejar, uma lembrança que retorna sem se apresentar inicialmente como narrativa. Esses gestos não correspondem ao passado em sua forma original. Trata-se de experiências em transformação que permanecem no corpo, atravessam o tempo, reorganizam-se e encontram novas formas de linguagem.

Tais gestos encarnados constituem, neste artigo, as fontes autobiográficas e corporais a partir das quais elaboro minha investigação em diálogo com a historiografia, com a epistemologia feminista negra e com os estudos sobre corpo, memória, trauma, dança e superdotação.

O procedimento metodológico consiste em partir de pedaços da experiência vivida para formular problemas, deslocando aquilo que emerge da memória para o campo da interpretação histórica. A autobiografia oferece a matéria inicial; o corpo conserva e transforma os vestígios; o diário e as notas de campo registram ocorrências, sensações e associações; a teoria amplia as perguntas; a historiografia produz contexto, contraste e crítica; a escrita realiza a interpretação. Inspirada por Jeanne Favret-Saada, penso nos meus gestos encarnados como “eventos enigmáticos” que tal qual em seu trabalho, são meus únicos materiais de pesquisa (2005, p. 158). Cabe ressaltar que assim como a experiência não é, para Joan Scott (1998), uma evidência transparente do passado, também os meus registros não são reproduções integrais daquilo que aconteceu. São documentos produzidos em determinados momentos, atravessados por percepção, memória, linguagem e elaboração. É nessa condição que passam a ser interrogados historicamente.

Os gestos encarnados são, portanto, uma categoria analítica que desenvolvo para trabalhar essa matéria. Eles nomeiam acontecimentos de memória que, revisitados, podem produzir teoria, deslocar conceitos e fazer surgir novas perguntas. O que neles procuro é a passagem entre corpo, experiência e linguagem: o modo como uma vida vivida se torna experiência, como a experiência se torna pergunta e como a pergunta pode se tornar conhecimento histórico.

A pergunta

É a partir dessa operação que pergunto: como experiências vividas por uma menina negra superdotada, relacionadas ao corpo, às relações familiares, às feridas e às formas encontradas para permanecer de pé, podem ser transformadas em problemas de investigação histórica e contribuir para uma compreensão da inteligência como experiência encarnada? A questão leva-me a outra pergunta: o que se modifica na produção do conhecimento quando o corpo da cientista deixa de ocupar o lugar silencioso de condição da pesquisa e passa a ser reconhecido como parte de sua fonte, de sua pergunta e de seu método?

Escrevo porque existe uma história que só consigo contar a partir desse lugar. Uma história sobre o corpo, a inteligência, a experiência e o processo de tornar-se pessoa. Uma história sobre o que acontece quando uma cientista deixa de imaginar seu corpo como aquilo que precisa permanecer fora da produção do conhecimento e começa a reconhecê-lo como parte da própria operação historiográfica.

Aterrar foi chegar até aqui.

Florescer é continuar escrevendo.

O corpo que resguarda conhecimentos

A bordo da escuna, com rabicho de cavalo e biquini amarelo, sento-me ao lado dela. Feliz por instantes farelentos de atenção e cuidado contemplo o horizonte, ornado por um sol amarelo com ondulações transparentes que se movem embaçando minha visão. Colho da memória a lembrança de ser só. A única criança no meio de um monte de adultos, suburbanos do Méier, animados com o domingo ao mar. Ao atracar na praia de Itacuruçá, traço meu caminho, deixando como rastro mini pegadas de pés que não conseguiam alcançar o sonho de ser amada.

Há memórias feitas de tecidos, pedras, cacos, papeis, joias. A minha é feita de *flashes*. Infinitas imagens com negativos armazenados na mente e revelados pelo corpo em uma coleção de atitudes “ai, ai, ai” de uma menina “mimada, mal criada e insuportável”. Choros, gritos, pesadelos no meio da madrugada. Durante o dia: desobediência, enfrentamentos e muito “escreveu não leu o pau comeu”, um dos tantos provérbios do recital de minha avó, em seu rito diário de declamação de poemas de uma “mulher de cor respeitada”. Enquanto meu primo contemplava em silêncio, com cara sonsa, cada verso, eu, a menina “preocupante” interrogava em voz alta cada um deles. “Pau não come”, “nem tudo que se escreve as pessoas leem”. Tal qual na roda de samba de partido alto cada uma das minhas perguntas geravam respostas: “você quer apanhar?”; "Por que é tão desagradável?”; “Como pode nunca estar satisfeita?"

Aprendi muito cedo que, na prática, a pergunta “quer”, significava voz ativa - vou te bater e passiva - essa menina vai apanhar. Marcado, o corpo aprendeu o super poder de se transformar em pedra. Ao prender a respiração, o corpo pedregulho ficava mais duro, sua carne mais apertada. Isso me trazia alívio e contenção.

Voltando ao biquini amarelo, lembro-me da sua corda no pescoço, até hoje meu tipo de amarração favorita de partes de cima, que faço com nós apertados que empurram para baixo os anéis da minha coluna cervical. Em uma das fotos reveladas, há vários copos espalhados pela areia da praia. Recordo do quadro preto de pano na porta do quarto da minha mãe “Pegadas na areia”, com versos românticos e um casal traçado de branco, caminhando de mãos dadas.

Caminho sozinha, descalça. No percurso bebo tudo que encontro pela frente. Minha barriga vira uma coleção de restos. Decido mover trocando a areia pela água. Mergulho várias vezes em pé, afundando apenas cabeça e pescoço e mantendo o resto do corpo ereto, imóvel e seco. A cada retorno jogo a cabeça para trás na tentativa de que meu peito se abra à possibilidade de ser uma criança feliz. Escuto uma moça perguntar à adulta que me acompanha - “Ela está com você?” - Sim. “Acho que ela bebeu cerveja, olha só quantos copos há perto do chinelinho dela. Veja como ela está engraçada mergulhando”. Chi-ne-li-nho.

A palavra “engraçada”, de quem aprendi a ser amiga, é parceira de longa data. Ela segue me acompanhando em aulas de ballet clássico, samba, poledance nas quais meus movimentos fazem professoras e colegas rirem como quem se pergunta com os dentes: “o que ela estava fazendo aqui? Coitada”. Gargalhadas são uma bacia de gelo que congela meu corpo. Espremedor de alho que aperta minha carne. Enquanto a música toca e a coreografia é passada, meu corpo se transforma em um congelador. Entulhado de restinhos de quem foi criada na miséria emocional, mantenho sob minha posse um monte de movimentos que ocupam, de forma descoordenada, muito espaço. Ao pensar em Stanley Keleman e sua perspectiva do trauma como resposta

corporal às emoções, remeto-me à sensação de leveza do corpo em ocasiões específicas: toda vez que os movimentos saem, que arrumo os armários, a mesa do meu escritório. A mesma sensação de desentulho de quando jogo o lixo fora: “o lixo vai falar, e numa boa” (Lélia Gonzales, 1984).

Quarenta e quatro anos depois do biquíni com a corda no pescoço nas águas da Guanabara, compreendo, ao rememorar estas e outras passagens da minha vida, que fui uma criança que vivi uma sucessão de traumas relacionados às violências física, verbal, psicológica que até bem pouco tempo recontava - em narrativas carregadas de humor, em encontros familiares. Isso relaciona-se à análise de bell hooks sobre a violência naturalizada na educação de crianças negras no sul dos Estados Unidos.

Meu estômago fermenta ao escrever “carregadas de humor”.

Leio e releio o escrito até aqui. Diante da dúvida - como validar cientificamente uma escrita do corpo? Sinto as laterais de meu tronco comprimirem-se. Inspiro, o esterno suspende, meu pescoço cresce. As costas soltam-se de mim mesma. Da Giovana “crítica e controladora“, “sabotadora da mente” (Shirzad Chamine, 2013).

Recentemente participei de uma banca de qualificação de mestrado em que a autora descrevia em sua narrativa diversos sonhos com a ancestralidade que tivera. Segundo a mestranda, tais sonhos foram decisivos para definir os rumos de sua pesquisa. Na ocasião fiquei pensativa sobre quais eram as possibilidades de trabalhar com o sonho como documento histórico. A mesma dúvida acomete-me agora, não por acaso.

Sou uma historiadora social que recebeu treinamento científico em instituições de excelência para ensinar e pesquisar história a partir de teorias e métodos, sem dúvida, relevantes, porém referenciados em critérios de validação científica pautados no afastamento entre sujeito e objeto de pesquisa. No máximo, conforme consagrado em trabalhos icônicos da historiografia da escravidão e do pós-abolição, iniciar o livro colocando-se na introdução como autora envolvida com a temática e comprometida em transformar narrativas de documentos oficiais em narrativas envolventes da “gente comum da história” (Rachel Soihet, 1987; Sidney Chalhoub, 1990, Martha Abreu, 1989; Eric Hobsbawm, 1997).

De novo, meu pedaço “crítica” assume o controle da narrativa para perguntar: não seria um pouco demais usar o corpo - meu próprio corpo como documento histórico? Agradeço e me descolo de mim mesma: “Obrigada por compartilhar comigo sua impressão, Giovana. Até a próxima!” Lembro de Ida Mara Freire: “Querida, para se uma bailarina de excelência você precisa aprender a rir de si”. Faço graça de mim mesma. Gracejo-me: “Desta vez não vou desistir, continuarei este texto até o fim”. Penso. Após inspirar e soltar o ar mentalizando a suavidade da seda, elaboro:

> *Meu texto nasce como expressão do corpo comprometido em registrar sua história. Como historiadora bailarina aterrada no meu eixo, eu aprendi a sentir. E sinto. Sinto cada gesto e palavra que compõem a minha narrativa.*

Tenho nove anos. Olho para mesa da sala por onde já passaram Anna Karenina de Dostoiévski e O cortiço de Aluísio de Azevedo e, desta vez vejo: Clara dos Anjos, de Lima Barreto, Memórias de Brás Cubas, de Machado de Assis, Grandes Sertões Veredas, de Euclides da Cunha. Há um lado meu que fica feliz com a chegada de novos livros. Meus únicos amigos da infância. Existe outro que se angustia. Por mais que sempre alcançasse o final de todas as obras que passavam pela minha mão, eu gostava de ler no meu tempo, no meu ritmo. Só que “meu tempo” e “meu ritmo” não condiziam com o contexto que envolvia o fato de minha mãe, professora da rede municipal do Rio de Janeiro, pegar aqueles exemplares emprestados no trabalho sem que ninguém soubesse. O gesto materno de nutrir-me com a palavra demandava-me devorá-las com a rapidez dos mosquitos quando pousam na pele e, ao sentirem a sombra do vento da palma mão, voam para logo em seguida voltar. O resgate desta memória leva-me à historiadora Beatriz Nascimento (1992):

> “Para que nos serve a História? Não preciso dela, enquanto não possuo poder. Ela serve aqueles que detém e se registram através do tempo enquanto poder (...) A História é como o campo e território dos vencedores. Não adianta contrapô-la a uma história de vencidos, ainda não fomos vencidos, os assim chamados são indivíduos de muitas histórias, pequenas, mas fartas e fascinantes histórias. Entretanto, delegamos ao outro o poder de dizer de nossas interessantes passagens. Estamos sempre lamentando o estar submetido ao outro. Será que sempre? Será que não tem uma história de vírus, de pássaros, de morcegos, de insetos e nós só estamos ritualizando sem perceber sua própria força (nossa própria força)? Será que essas histórias não precisam somente serem ativadas?”

Faz pouco tempo que tenho me pensado como o que sou - filha de uma historiadora. Minha mãe, Sonia Regina Xavier da Conceição (1950-2008), graduou-se em História na UERJ, em 1977. Ela amava contar sobre seus tempos de faculdade. Narrava que no auge da ditadura militar, professores de esquerda orientavam estudantes a fazerem duas provas: uma para entregar ao DOPS. Outra para ser avaliada, corrigida e guardada nos arquivos oficiais da História. Cresci ouvindo esta e tantas histórias. Atualmente estou escutando outras de meu pai, Neumar Barros Côrtes. Surpreendo-me ao ouvi-lo narrar a admiração de minha mãe por Abdias do Nascimento e seu pensamento. Por que nunca conversamos sobre isso?

Pegar os livros na biblioteca improvisada na sala da direção da Escola Municipal Senador Camará, em Realengo, zona oeste do Rio de Janeiro, para que eu lesse foi uma forma que minha mãe encontrou de, tal qual Marc Bloch e Beatriz Nascimento, perguntar “para que serve a história?” e de responder: a despeito dos sonhos que não realizou, o mundo estava cheio de “fartas e fascinantes histórias” que eu poderia acessar e integrar. Foi o gesto encarnado de amor que ela tinha para me oferecer e que me permitiu chegar cá, onde estamos.

Ter lido livros como os acima citados aos sete anos de idade diz respeito ao meu processo formativo de leitora em uma família de trabalhadoras pobres. Fundamental para ativar minha percepção sobre a escrita e a leitura como direitos humanos. Sobre a importância das pessoas conhecerem e escreverem suas histórias e sobre a desnaturalização do processo formativo como "coisa de rico” (José Saramago, 1998; Grada Kilomba, 2019; Michel Alcoforado, 2025). A recente consciência de habitar um corpo criativo e traumatizado tem se mostrado a definição prática de que “existe beleza na dor”, como assinala Ida Mara Freire.

O sofrimento por abandono, rejeição, desamor e constantes ritos de humilhação coexiste com a honra de ter sido preparada em um lar de mulheres negras para escrever, na primeira pessoa, a minha história e inspirar tantas pessoas, especialmente mulheres negras, a fazerem o mesmo.

Meu corpo é um arquivo com estantes que comportam prateleiras de alegrias, dores, curiosidades, medos, criações que organizam quem sou de uma forma complexa, não-linear. Mais do que armazenar experiências, ele as atualiza, fazendo do sentir uma forma de memória em movimento.

“O corpo é uma experiência emocional” (Stanley Keleman).

Para ser sombra, a sombra precisa da luz

Ao escolher como carga os livros, D. Sonia foi uma grande traficante de sonhos em minha vida. É o que penso quando lembro de uma das sessões de terapia em que minha psicóloga Raquel Clemente afirmou “uma coisa é ser amada, outra é sentir-se amada”. Levando em conta de onde vim e onde cheguei, é possível pensar que eu tenha sido uma menina muito amada. Porém vivo na pele o paradoxo de quem sente um amor insentido. Isso se conecta com bell hooks. A pedagoga observa que é comum, devido às barreiras emocionais impostas pela escravidão e seu legado, o suporte material ser definido como sinônimo de amor em famílias negras da classe trabalhadora. Cresci ouvindo:

> *“Eu levanto todos os dias às 04 da manhã. Saio e volto para casa já escuro para que você tenha acesso a uma boa escola. Existe amor maior que este?”*

Também cresci esperando meu pai estacionar seu taxi amarelo de faixa azul na saída da escola para me buscar e dar carona às minhas amigas. Isso nunca aconteceu.

Dançando na confusão entre demanda emocional e material passei a vida invalidando o meu sentir. Desautorizando a minha dor com narrativas como “em comparação a crianças que passam fome, que são expulsas de casa, que são escravizadas…”, as porradas, xingamentos, ofensas, toques não consentidos, não foram tão graves.

Há cômodos vazios que são espaços para coisas novas. Mas há também aqueles inabitáveis, tomados pelos mofo e umidade da dor, tornam-se compartimentos insalubres, eternamente vazios, pois fedem à dor e ao barulho miúdo das ratazanas. Curar um trauma não é erradica-lo. É aprender a integra-lo à experiência de ser, sem deixar que assuma o controle da minha vida. Sem permitir que me confine ao lugar de prisioneira do passado. É no corpo que o trauma expressa-se. É nele que o trauma é resolvido. A mente entende, analisa e julga os eventos. Mas é o corpo que cria movimento além da dor. Antes de entender com as ideias é preciso sentir com o corpo. Esta frase assume cada vez mais importância à medida que vou compreendendo que superdotação é acima de tudo uma condição que se expressa pelas formas de ser e sentir.

Durante uma das sessões de terapia, desta vez, com a educadora parental Livia Nascente, explico-lhe minha dificuldade de memorizar sequências coreográficas. Como ocorreu na apresentação de final de ano de 2025 de minha antiga escola de ballet clássico. Após dois meses ensaiando diariamente e dominando todos os movimentos, instantes antes de subirmos ao palco, ouvi de uma colega: “se você quiser ser boa…” No mesmo instante meu corpo entrou no “freeze”. Descrito por Keleman como a paralisia diante de uma situação de terror que, nesse caso me fez errar absolutamente todos os passos. Congelar, apertar, encolher são expressões corporais que me constituem desde os tempos da menininha triste e sonhadora da praia de Itacuruçá.

Lívia ouve a história e me apresenta a sobre-excitabilidade. Desenvolvido por Dabrowski, o conceito diz respeito à elevada excitação mental que pessoas superdotadas costumam encarnar em pelo menos um dos seguintes campos: emocional, intelectual, sensorial, psicomotor, criativo. Entender-me como uma pessoa com sensibilidade extrema, complexidade intelectual e intensidade emocional é o caminho pelo qual tenho percorrido e encarnado minha superdotação. Uma palavra que atravessa minha história desde a menina do biquíni amarelo até a doutora que criou uma teoria científica para estudar a intelectualidade de mulheres negras.

Entre encontros com neuropsicóloga, psicóloga, neurologista, psicopedagoga e educadora parental, os últimos quatro anos têm sido um tempo de tradução. Pela primeira vez, experimentei a condição de ser examinada não como problema a ser corrigido, solução a ser apresentada, mas como história a ser escutada. A sucessão de consultas, avaliações e conversas — uma rotina inteiramente nova para mim — abriu espaços de leitura sobre mim mesma que eu desconhecia.

Não encontrei respostas para perguntas prontas. Encontrei outras perguntas para imagens antigas. A menina de olhos expressivos e melancólicos, perdida em um tempo em que sua potência era frequentemente confundida com inadequação, começou a reaparecer. As palavras que durante anos a cercaram — “exagerada”, “abusada”, “estranha”, “inadequada” — deixaram de funcionar como sentenças definitivas e passaram a revelar os limites dos olhares que a nomearam. Onde antes havia excesso, comecei a reconhecer intensidade. Onde havia desajuste, percebi formas singulares de sentir, pensar e habitar o mundo.

O nome superdotação preenche o contorno de quem sou. Como diz Grada Kilomba, tal nomeação valida o processo de tornar-me sujeita, conferindo-me o direito de escrever a minha história como uma autora inteira, que expressa a íntegra do sentir e do pensar. Para além do QI elevado — que isoladamente é apenas um número, para mim, a superdotação é o corpo que escreve na mente que dança. Tem sido transformador substituir o substantivo esforço pela expressão inteligência acima da média, tanto para autorizar a minha humanidade quanto para compreender as minhas visões de mundo e as leituras de gênero, raça e classe feitas a meu respeito durante toda a vida. Pergunto-me: quais histórias eu teria para contar como a Gigi superdotada, e não como a Gigi “que tirava notas boas por ser muito esforçada”? E a partir de agora: quais histórias quero contar a partir do direito de me nomear, pensar com o corpo e sentir com a mente?

Caminhamos para casa após uma longa aula de ballet clássico. Meus pés, agora de chinelo, pulsam a memória do aperto de andar e subir nas pontas. A colega diz: “nós que não somos bailarinas de verdade…” Tomada pela energia da realização, respiro fundo. Meu peito abre-se, o pescoço cresce. Olho para ela: “Eu sou bailarina”. A caminhada segue. Tal qual no passo do battment foundu, o ser derrete-se no sentir.

Sinto-me cada vez maior, enraizando-me no ar, sem arranhar o céu. Lembro-me das minhas primeiras aulas de ballet. O corpo da bailarina, antítese da bailarina: encolhido, peito para dentro, olhar cabisbaixo, leve ranger dos dentes, pés pisando em ovos. Tomada pelo medo, emparedada em minha história. Entre a criança vítima e a adulta guerreira, buscando no tempo lento do adágio, uma sequência de movimentos que me fizesse existir inteira.

Corpo encolhe, mente expande. Cenas do sentir ecoam nos ouvidos, ofuscam o olhar. A hora de dançar lambada acompanhada de olhares e risos adultos para o corpo a quem “o sem jeito mandou lembranças”. A conclusão de hoje é a mesma de ontem: a raiva me faz errar. A raiva me paralisa. Já a frustração desperta minha criatividade. Enquanto a raiva tem o cheiro do gelo que anestesia, a frustração tem a cor da água transparente do rio que corre devagar. Dois corpos uma só pessoa. A bailarina do adágio, a passista do contratempo. “Devagar também é pressa”, recitava minha avó.

Como descongelar um corpo craquelado de dores? Como reaprender a movê-lo? E, como historiadora, como pesquisar aquilo que não deixou rastros evidentes nos arquivos? Como acessar experiências que

sobreviveram mais como sensação do que como documento? Como escutar aquilo que permaneceu inscrito no corpo quando faltaram palavras para narrá-lo?

O congelamento não é ausência de resposta. É uma resposta do corpo diante daquilo que não pôde ser elaborado. Ao experimentar situações de ameaça, violência ou exposição, o corpo aprende a interromper o fluxo do movimento como forma de proteção. Esse estado — descrito como "freeze", não desaparece com o tempo. Ele se reorganiza, inscrevendo-se na musculatura, na respiração, na postura e na forma como o sujeito se relaciona com o mundo. No meu caso, o corpo que um dia aprendeu a virar pedra segue, anos depois, atualizando essa memória em situações de julgamento, erro ou visibilidade. É nesse ponto que o movimento deixa de ser apenas execução e passa a ser investigação. Cada gesto torna-se uma pergunta. Cada bloqueio, um vestígio. Cada tensão, um indício de experiências que insistem em permanecer presentes.

Mover-se torna-se uma prática de descongelamento. Uma tentativa de devolver fluxo a um corpo que, de tanto conter, craquelou. Reaprender a mover, portanto, não é adquirir técnica, mas criar condições para que o corpo volte a sentir sem paralisar. Da mesma forma, pesquisar história deixa de ser apenas reunir documentos e passa a envolver a escuta das marcas, dos silêncios, das ausências e das permanências que atravessam os corpos. O que pode um corpo lembrar? O que pode um movimento revelar? Que histórias se tornam visíveis quando o arquivo deixa de ser apenas papel e passa a ser carne, respiração e presença?

Raízes e memórias

Da varanda da casa geminada, miro a janela da vizinha de frente. A beleza miúda - cores leves, enfeites graciosos, da sua árvore de Natal contrasta com o pinheiro gigantesco que quase tocava o pé direito do teto da sala de nossa casa. Sentia-me, imprensada e confusa, matutando com o olhar uma forma de costurar dois mundos que pulsavam em mim: "tamanho não é documento" - o salto alto da Barbie e "quanto mais melhor": a borracha de Itu, meia azul, meia vermelha. Enquanto o entorno da árvore da vizinha era farto de caixas vistosas, lá em casa os presentes, dados mais por obrigação do que por gosto, eram embrulhados em papeis reaproveitados com a finalidade de "não jogar dinheiro fora" com "besteiras". Até hoje fico encantada com embrulhos bem feitos. Passam-me a sensação de curadoria do que guardamos dentro do nosso lugar mais bonito: o coração.

Aproximadamente oito passos do meu pé, tamanho vinte e oito, separavam o pinheiro da cozinha. Era um espaço das adultas da casa, exímias cozinheiras, muito distintas entre si. A criadora, que se relacionava com seus quitutes como obras raras de arte. A autossuficiente, que sabia fazer tudo, pois aprendera desde cedo, porém não gostava de fazer nada. E a gerente, pessoa mosaico das duas versões anteriores. O fato é que, exceto para aprender, como foi meu caso desde os seis anos, crianças eram personas não gratas na cozinha, sobretudo, se colocássemos em prática nossos planos de furtar bolinhos, furar pudins, colher uvas verdes da sorte, as quais só víamos na última semana do ano.

É verdade que na minha casa tínhamos tudo: "eu não sei do que vocês tanto reclamam". Afirmação com a qual eu muito concordava, a ponto de, de tanto ouvir passar a repetir "aqui temos de tudo". Foi preciso deitar em muitos divãs, equilibrar-me em muitas pontas e bater muitas cabeças na cumeeira para entender o básico: onde cresci faltava um ingrediente essencial: o amor. As palavras de Clarice Lispector, estacionadas na minha pele de menina, "Amar é estar presa por vontade" - atravessam meu passado com a traficante de livros, a costureira e a cabeleireira. Elas riscam no ar do agora a imagem de quem eu fui: prisioneira sem vontade, sempre a mirar o céu para interpretar os desenhos que as nuvens, contornadas pelo vento, grafavam.

Passada a euforia do Natal, um novo ano inicia-se. Sentia saudade da escola, um lugar de geração de muitas dores, mas onde eu era feliz por ouvir e falar, ainda que sem ser vista e escutada. Em casa, os dias eram longos. A contagem do tempo dava-se pela mistura entre tarefas domésticas, leituras e um brincar insosso com bonecas que já não tinham mais o que ofertar. Escritora de cartas com sonhos recheados de mentira para alguém que desconhecia, mas sentia me escutava:

> *"Hoje fui para a casa da fulana. Ela é minha melhor amiga. Brincamos de Barbie e depois fomos tomar sorvete. Eu, sundae de chocolate, ela casquinha de morango."*

No caderno, com as folhas que restaram do ano letivo, o que não era visto passava a ser. Em desenhos feitos a lápis preto número dois, canetinhas com ponta aberta, tinta gasta e seca, estávamos sempre eu e minha amiga invisível com nossas brincadeiras e sorvetes. Eles só eram interrompidos por nobres presenças como a de

Policcarpo Quaresma, que fazia-me rir com seu protesto às plantações de batata inglesa em solo brasileiro.

Sacolejando a rotina do marasmo: letras, bonecas, livro, janela, louça, refogados, ganhei de presente de uma amiga da Traficante de Sonhos um curso de modelo. Sábado de manhã, em gesto de obediência à gestora, vesti minha roupa de sair: o conjunto branco de bolinhas pretas de saia até o joelho e miniblusa. O local da aula era uma sala pequena “do outro lado do Méier”. O da Dias da Cruz. Lado da ordem e do progresso. A professora, da qual não me recordo a fisionomia, fitou-me de cima abaixo, com olhos “o que fazes aqui?”, costumeiros em minhas andanças pelo bairro. Senti suas emoção de raiva, acabada no semblante de nojo. Meu corpo encolheu para informar-me que a professora me tinha como nada. Protagonizando o vazio, cada vez que eu era chamada para fazer a dinâmica da aula - que consistia em desfilar em linha reta e ao final da sala fazer um giro pivô - eu diminuía de tamanho e fazia tudo diferente, sem conseguir acertar.

Ainda que quisesse fazer o solicitado, meu corpo insistia na diferença, executava o contrário do ensinado. Ao optar pelo certo para si - sua verdade personalizada, ele criava definições próprias para sentidos e direções. Essas definições custaram-me a passarela do caminho de casa, com recado da vizinha que nos levou: “a professora disse que não precisa voltar. Ela não leva jeito para isso”.

Em pé, recolhi meus ombros para dentro, voltei para o quarto. Ao me mirar no espelho pensei com os olhos: Eu me considero bonita. Procedi ao autoexame de meus dentes brancos, minha boca de coração, o corpo esguio e serpenteado. Afinal, cadê o tal do jeito que não aparece para eu poder desfilar? Quem é o sem jeito que me manda lembranças quando danço e todos riem. Riem de mim? Para mim?

Sinto mais o que do que quem eu era. Um corpo, em suas origens, esculpido com a medida certa de rejuntes para contornar a alma. Mas, movendo no tempo sofrido encarnado no peso de quem cria por obrigação, meu corpo tornou-se uma escultura humana de traumas revestidos por argamassa que, por muito tempo, empedrou as ligas e juntas por onde se articulam as histórias.

Foi no ambiente familiar que se formou uma das contradições mais estruturantes da minha trajetória. Ao mesmo tempo em que fui intelectualmente nutrida — cercada de livros, histórias e estímulos à leitura —, cresci em um contexto de escassez afetiva, no qual o cuidado emocional não encontrava linguagem nem espaço para existir. Se, por um lado, tive acesso precoce a obras complexas e fui incentivada a desenvolver o pensamento, por outro, aprendi a silenciar o sentir, a relativizar a dor e a traduzir experiências de violência em narrativas suportáveis, muitas vezes atravessadas pelo humor, como estratégia de sobrevivência.

Essa dissociação entre formação intelectual potente e experiência emocional oca, estruturante em muitas famílias negras pobres, não produziu equilíbrio, mas tensão. Uma pessoa que pensa com profundidade, mas cujo corpo guarda, sem mediação, as marcas do que não pôde ser elaborado. É nesse intervalo — entre o que se lê e o que se sente, entre o que se aprende e o que se vive — que localizo uma das origens do meu modo de conhecer o mundo.

Entre a palavra e o corpo

Por muitos anos, dediquei minha escuta, meu olhar e minha escrita às mulheres negras como intelectuais. Foi um caminho de descoberta, reconstrução e justiça: afirmar a presença dessas mulheres na história das ideias foi também reivindicar o direito de nomear o pensamento negro como força criadora, complexa, teórica. Nesse percurso, encontrei nas vozes dessas mulheres não apenas argumentos, mas mundos. Elas me ensinaram que pensar é um ato de existência. Que a intelectualidade negra é, em si, uma forma de insurgência.

Mas com o passar do tempo, percebi que algo em mim, e no próprio campo, começou a pedir outro tipo de atenção. Por trás das palavras, havia algo que permanecia sem nome: o que o corpo sentia, o que a memória tremia, o que o silêncio guardava. Era como se a história que eu conto queira também ser ouvida pelo corpo, não apenas compreendida pela mente. A cada biografia, a cada arquivo, sou tomada por uma vibração que ultrapassava o texto. É o chamado de uma história sensorial; uma história que respira, que soa, que dói. Que transforma.

Hoje, sinto que esse ciclo se completa. Não porque o tema das intelectuais negras se esgote — ele é inesgotável, mas porque dentro de mim se formou a necessidade de uma nova escuta. Quero compreender como o trauma histórico da escravidão, do racismo no pós-abolição, da miséria emocional, do aprender a sentir,

inscreve-se nos corpos, nos gestos, nas texturas da vida cotidiana. Quero pensar o conhecimento não apenas como palavra, mas como sensação: o suor, o tremor, o cheiro, o toque que escuta. O que o corpo lembra quando a história tenta esquecer?

Se antes meu trabalho buscava as ideias produzidas por mulheres negras, agora busco as marcas que essas ideias deixaram em nós. A continuidade está aí: o corpo como arquivo, o sensível como teoria. Entendo este movimento não como ruptura, mas deslocamento. Sigo acompanhando as mesmas vozes, mas agora quero ouvir também o que elas não disseram. O que ficou suspenso no ar? O que se comunica a pele comunica?

Escrever sobre corpo e trauma é, para mim, uma forma de recomeço. É um gesto de escuta radical, que pede cuidado, lentidão e presença. Talvez seja esse o novo tempo da minha pesquisa. O tempo do corpo que sente. Não apenas o da mente que analisa. Entre a palavra e o corpo, encontro agora o lugar onde quero ficar — esse espaço onde a história se torna carne, onde o arquivo pulsa e onde a vida, mesmo ferida, insiste em vibrar.

Aterrar para florescer: corpo, memória e inteligência encarnada

Em 2016, em um evento realizado no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, apresentei, junto a um grupo de historiadores, minha proposta de investigar mulheres negras como intelectuais e intérpretes da história do Brasil. À exceção de uma professora branca, a proposição foi recebida como descabida e insustentável pelos pesquisadores presentes, todos negros. Levei muito tempo, para reconhecer aquela experiência como traumática. Talvez porque nem sempre sejamos encorajadas a reconhecer as feridas produzidas dentro dos próprios espaços em que buscamos pertencimento. Aprendemos a sobreviver às violências externas, mas frequentemente silenciamos aquelas que emergem da descrença, da recusa e do desencorajamento internos.

Levei anos para entender que não se tratava apenas de um desacordo intelectual. Naquela tarde, foi colocada sob suspeita não apenas uma hipótese de pesquisa, mas a legitimidade de uma agenda intelectual que eu começava a construir. O corpo guardou essa experiência. Guardou a exposição, a incredulidade e a sensação de estar formulando perguntas para as quais ainda não existia lugar reconhecido.

Hoje reconheço aquela cena como um marco traumático de minha trajetória acadêmica. Reconheço também que ela não interrompeu o caminho. Ao contrário, obrigou-me a sustentá-lo quase sem garantias. Quando propus investigar mulheres negras como intelectuais e intérpretes da história do Brasil, esse campo ainda não possuía a visibilidade, a circulação ou o reconhecimento institucional que viria a adquirir nos anos seguintes. Permanecer nessa direção exigiu não apenas pesquisa, mas imaginação, insistência e coragem intelectual.

Ao longo da última década, participei da construção desse território de conhecimento por meio de aulas, orientações, livros, artigos, pesquisas e da formação de novas gerações de estudantes. Se hoje a história intelectual de mulheres negras constitui um campo reconhecido de investigação, é importante lembrar que esse reconhecimento foi antecedido pelo trabalho de quem insistiu em formular perguntas consideradas impossíveis. Entre essas pessoas, reconheço meu lugar.

Dez anos depois, compreendo que minha trajetória não foi apenas de pertencimento a um campo. Foi também de uma feitura, caracterizada por autoria e participação decisivas na abertura de caminhos que hoje permitem a outras pessoas pesquisar, ensinar e imaginar a história intelectual de mulheres negras como dimensão incontornável da história do Brasil.

Após um longo ciclo de aulas, orientações, artigos, livros, carreira pública e muitas outras mirongas acadêmicas, a oferenda está entregue a quem deseja partilhá-la. O que um dia foi considerado inviável tornou-se, nos termos de Beatriz Nascimento, “território existencial”. E é justamente por conhecer o custo de sua construção que posso agora cruzar novas encruzilhadas, sem abandonar minhas pegadas, tão marcantes nesse caminho.

Agora, traço e sigo os traçados de uma nova linha de continuidade. Se antes o foco era compreender como mulheres negras transformam experiência em conhecimento, hoje me dedico a investigar como o próprio pensamento se constitui como escrita do corpo, dança da mente.

Nesse percurso, emerge a autoimagem da historiadora-bailarina. Não como a soma de duas atividades, mas como uma forma específica de produzir conhecimento. Historiar e dançar deixaram de ocupar lugares separados. Tornaram-se modos complementares de investigar memória, presença, movimento e criação. Se a historiadora busca vestígios, a bailarina aprende a cultivar e expressá-los no corpo. Se a dança interroga os gestos, a História pergunta pelos tempos-ritmos que os constituíram. Entre uma e outra não há fronteira nítida. Há

trânsito.

A superdotação surge, então, não como rótulo, mas como inteligência encarnada: uma forma intensa e inteira de sentir ideias, emoções e movimentos. Uma inteligência que não separa pensamento de sensação, análise de imaginação, conhecimento de experiência. Talvez por isso a figura da historiadora-bailarina não represente uma mudança de caminho, mas o reconhecimento de algo que sempre esteve presente. Uma mesma pessoa aprendendo a ler arquivos, corpos e movimentos como diferentes expressões de uma mesma busca por compreender a vida.

Foi entre as mulheres que me ensinaram a ser Gigi e Giovana que aprendi essa forma de conhecimento. Mulheres que pensavam enquanto cozinhavam. Dançavam enquanto ensinavam. Criavam enquanto sobreviviam. Sorriam por fora enquanto, no seu mundo interior, sangravam. Delas herdei a recusa que no ato de serem quem eram ensinaram-me acerca das separações rígidas entre corpo e mente, razão e sensibilidade, teoria e experiência. A historiadora-bailarina nasce desse legado de existir.

Minha pesquisa *Aterrar para florescer: uma história da inteligência encarnada* deriva dos fios do corpo, da carne viva da mente. Trata-se de uma história sensorial da inteligência, que, assim como o campo das intelectuais negras, mora em mim constituindo-se como forma de devolver corpo às ideias que me habitam.

Cresci ouvindo sobre a importância de pensar antes de agir. Escutei — e deixei escorrer. Encolhida sob olhares de reprovação, a menina aprendeu a transformar pensamento em abrigo. Pensar tornou-se estratégia de sobrevivência: palavras, frases, ideias — suas companheiras mais fiéis. Havia uma proporcionalidade silenciosa entre ferida e pensamento: quanto mais dor, mais intensa a produção de ideias.

Nesse processo, sentir tornou-se um verbo ausente. Até que o corpo exigiu sua conjugação.

Foi na dança que comecei a reaprender a sentir. Primeiro, senti palavras e ideias — territórios conhecidos. Depois, vieram sensações: água fria percorrendo a carne endurecida, articulações cedendo, respiração abrindo espaço. O corpo, antes empedrado, voltou a ser carne viva. Passei a perceber em mim movimentos internos, fermentos, fluxos, tensões, solturas — que não cabiam na linguagem, mas organizavam minha experiência de existir. Sentir revelou-se, então, como expressão da inteligência em carne viva.

A partir desse lugar, afirmo: o corpo é arquivo, emoção, linguagem. Ele organiza o pensamento, armazena a memória e traduz o invisível em gesto. Pensar não se opõe ao sentir — realiza-se nele. Minha pesquisa propõe, assim, uma ampliação da noção de superdotação: não somente restrita ao intelecto, mas atravessada por emoção, trauma e integração. Uma inteligência que pulsa, se move. Que se inscreve no corpo e se expressa no mundo.

No chão azul e branco da Portelinha, sinto o peso leve dos confetes no ar. Eles me encobrem sem me cobrir. Revelam um corpo reto, desatado da envergadura salpicada de nózinhos que se escondem sob os músculos. Ligo-me ao instante. Escuto gritos que sorriem, palmas que cheiram a amor. Meus olhos miram à frente, confiantes de que o passado ancora-se atrás de mim, sustentado por si mesmo, liberando as costas pesadas de minhas ancestrais. À esquerda, alguém registra a minha história, sob vários ângulos. À direita, meu pai caminha em passos miúdos, sem tirar a sola dos pés do chão. O agogô anuncia uma travessia: passado, presente e futuro fundem-se no gesto que se torna encarnado. A guerreira abre alas para que a princesa, reverenciada por todos, receba de si mesma a permissão de ser cuidada.

Entre a palavra e o corpo, escolho habitar o intervalo. Demorar o corpo para que o mundo possa, enfim, passar.

O samba não pode parar.

Fontes primárias

XAVIER, Giovana. Notas de campo e registros autobiográficos. Arquivo pessoal da autora, 2023-2026.

Referências bibliográficas

ABREU, Martha. O império do divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

ALMEIDA, Ricardo Regis de. Corpovivências decoloniais compartilhadas e coconstruídas nas (e para além das) aulas de Língua Inglesa de um curso de Letras: Português e Inglês. 2023. 236 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) — Faculdade de Letras,

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.

CHALHOUB, Sidney. Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHAMINE, Shirzad. Inteligência positiva. São Paulo: Objetiva, 2013.

DABROWSKI, Kazimierz. Positive disintegration. Boston: Little, Brown and Company, 1964.

EVARISTO, Conceição. Becos da memória. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2005.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. Tradução de Paula Siqueira; revisão de Tânia Stolze Lima. Cadernos de Campo, São Paulo, v. 13, n. 13, p. 155-161, 2005. DOI: 10.11606/issn.2316-9133.v13i13p155-161. O texto é a tradução de Être affecté, publicado originalmente em Gradhiva, n. 8, p. 3-9, 1990.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 28, n. 1, e71118, 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n171118.

HOBSBAWM, Eric. Sobre história. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

KELEMAN, Stanley. Corpo emocional: a estrutura da experiência. São Paulo: Summus, 1992.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LABAN, Rudolph. Domínio do movimento. São Paulo: Summus, 1978.

LEVINE, Peter. Uma voz sem palavras: como o corpo libera o trauma e restaura o bem-estar. São Paulo: Summus, 2012.

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

NASCIMENTO, Beatriz. Por um novo território existencial físico. In: RATTS, Alex (org.). Eu sou atlântica. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006.

NASCIMENTO, Beatriz. Por um território (novo) existencial e físico. In: RATTS, Alex (org.). Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual: possibilidade nos dias da destruição. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018. p. 419-428.

ROEPER, Annemarie. How the gifted cope with their emotions. Roeper Review, v. 5, n. 2, p. 21-24, 1982. DOI: 10.1080/02783198209552672.

SARAMAGO, José. “A palavra do Nobel da Palavra”, Discurso ao receber o Prêmio Nobel de Literatura, 1998. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/saramago/1998/12/07.htm Acesso: 24/08/2025.

SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. Tradução de Lúcia Haddad; revisão técnica de Marina Maluf. Projeto História, São Paulo, n. 16, p. 297-325, 1998.

SOIHET, Rachel. Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana (1890-1920). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

XAVIER, Giovana. Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando a própria história. Rio de Janeiro: Malê, 2019.